

# O GABINETE DE LEITURA E AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA IMPRENSA FLUMINENSE NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XIX

Mestre em Letras. Maria Angélica Lau P. Soares (USP)<sup>1</sup>

**RESUMO:** De agosto de 1837 a abril de 1838, publicou-se na corte do Rio de Janeiro o periódico *Gabinete de Leitura, Serões das Famílias Brasileiras, Jornal para todas as Classes, Sexos e Idades*, impresso na *Tipografia Commercial*, pertencente a Josino do Nascimento e Silva. Composto basicamente de textos ficcionais traduzidos de periódicos estrangeiros, principalmente europeus, o *Gabinete de Leitura* também recebeu em suas páginas algumas das primeiras manifestações de escrita de ficção no Brasil. O artigo tem como objetivo fazer uma breve apresentação do periódico e apontar alguns aspectos das condições de produção da imprensa fluminense do período.

**Palavras-chave:** imprensa fluminense; periódicos; século XIX.

Num domingo, dia 13 de agosto de 1837, o *Gabinete de Leitura, Serões das Famílias Brasileiras, Jornal para todas as Classes, Sexos e Idades* abre seu primeiro número com uma história, por certo ficcionalizada, de uma conhecida figura francesa, Madame de Maintenon<sup>1</sup>. Segundo a nota introdutória, apesar de sua precária situação financeira, Maintenon desejava conhecer e se fazer conhecida. Para tanto, resolve convidar a “boa” sociedade francesa para jantar em sua casa. Valendo-se de sua habilidade em contar histórias, a dama entretinha seus convidados de forma tão prazerosa que eles nem mesmo percebiam o parco banquete que lhes era oferecido. Satisfeitos, todos expressavam o desejo de retornar lá retornar. Em continuação à nota, os redatores do *Gabinete de Leitura* convidam o leitor para com eles “jantar” todos os domingos. E, a exemplo de Maintenon, prometem-lhe oferecer o alimento do espírito: histórias variadas e divertidas.

O periódico semanal era publicado na corte do Rio de Janeiro pela *Tipografia Commercial*, situada na rua do Hospício n. 66, que pertencia a Josino do Nascimento Silva. Apesar de sua curta duração — ao todo foram 35 números, publicados de 13 de agosto de 1837 a 8 de abril de 1838 —, sua importância reside no fato de ter sido quase que exclusivamente dedicado à prosa ficcional num período de formação de nossa prosa literária. Em suas 8 páginas de três colunas, a prosa de ficção se misturava às crônicas, poesias, anedotas e curiosidades das seções “Miscelânea” e “Variedades”. Ao longo de seus nove meses de existência, o *Gabinete de Leitura* dedicou mais de três quartos de suas 280 páginas à publicação de textos ficcionais. Ao todo foram publicados 92 títulos de prosa de ficção, dentre eles 14 nacionais.

O *Gabinete de Leitura* consistia basicamente de ficção traduzida de periódicos estrangeiros, especialmente ingleses e franceses. Várias de suas histórias foram retiradas de revistas e periódicos ingleses, tais como a *Blackwood's Magazine*; a *New Monthly Magazine*, publicada em Londres e contemporânea à *Blackwood's Magazine*; a *Retrospective Review*; e os chamados *giftbooks*, *Forget Me Not* e *Literary Souvenir*, que

---

<sup>1</sup> Françoise d'Albigné, marquesa de Maintenon (1635-1719).

eram livros de poesia e prosa que fizeram enorme sucesso na Inglaterra e nos Estados Unidos pela qualidade da encadernação e por serem estrategicamente publicados todos os anos à época do Natal, de forma que pudessem ser oferecidos como presente às jovens senhoras, amantes das “belas letras”. Os ingleses Bulwer-Lytton, Crabbe e Richard Steele, além do americano Washington Irving, também figuram entre os autores traduzidos. Quanto aos periódicos franceses, há registro das seguintes publicações: *L’Entr’Acte*, *Gazette Médicale*, *Journal des Débats*, *Gazette des Tribunaux*, *Journal de Paris* e *Revue Britannique*. Com relação aos autores franceses encontramos no *Gabinete de Leitura* histórias assinadas por Frédéric Soulié, Eugène Scribe, Ferdinand Denis, Émile Deschamps, Stephen de la Madeleine, Duquesa D’Abrantes, Visconde d’Alincourt, Arnould Frémy, Jules A. David, Alphonse Karr, Alexandre de Lavergne, Jules Lecomte, Auguste Arnould, Eléonore de Vaulabelle, Burat de Gurgy, Eugénie Foa, e outros praticamente desconhecidos para nós.

Também podemos encontrar textos retirados de periódicos portugueses e brasileiros. A contribuição portuguesa ficou a cargo d’A *Bibliotheca Universal* e d’O *Artilheiro*. Quanto aos brasileiros, há uma crônica retirada d’O *Carapuceiro*, periódico pernambucano escrito pelo padre Miguel do Sacramento Lopes Gama (1791-1852), um texto do *Correio Official Nictheroyense* e duas contribuições d’O *Chronista*, cujos redatores, Justiniano José da Rocha, Josino do Nascimento Silva e Firmino Rodrigues da Silva, como se argumentará adiante, por certo mantiveram uma estreita ligação com a publicação do *Gabinete de Leitura*.

Além de ficção traduzida, também publicou em suas páginas as primeiras tentativas de se produzir prosa de ficção brasileira. Misto de jornalistas e homens de letras, os jovens colaboradores do *Gabinete de Leitura* faziam parte do grupo que, sob a batuta de Gonçalves de Magalhães, pretendiam lançar aqui as bases da então desconhecida e moderna escola Romântica, promovendo, assim, o que eles acreditavam ser um meio cultural mais elevado em um Brasil recém liberto da amarra colonial (CANDIDO, 1997). Em vista disso, escreveram histórias com o intuito de construir uma literatura nacional nos moldes daquilo que consideravam como o que havia de mais moderno no campo literário: o romance. Dificilmente passíveis de serem incluídas no que atualmente entende-se como o gênero romance, estas contribuições eram por eles denominadas **novelas**, **romances** e **legendas**. Essas primeiras prosas ficcionais brasileiras são, em geral, narrativas curtas nas quais os tipos, cenários e costumes brasileiros se entremeiam a enredos românticos.

Pereira da Silva contribuiu com várias histórias: “Luiza — Legenda Brasileira” (n.10, 15/10/1837), “Uma Aventura em Veneza” (n.11, 22/10/1837), “Um Primeiro Amor” (n.13, 05/11/1837), “As Catacumbas de S. Francisco de Paula” (n.14, 12/11/1837), “Um Último Adeus” (n.15, 19/11/1837) e “Maria” (n.18, 10/12/1837). Firmino Rodrigues da Silva publica “Um Sonho” (n.22, 07/01/1838). O jovem Martins Pena colabora com “Um Episódio de 1831” (n.35, 08/04/1838); e, talvez, Gonçalves de Magalhães também possa ter sido um colaborador, escrevendo e/ou traduzindo uma crônica alemã, “Krettel” (a assinatura que acompanha a crônica é semelhante à que Magalhães usava em seus artigos — M.) (n.05, 10/09/1837). Além dessas histórias brasileiras de autores por nós reconhecidos, o *Gabinete de Leitura* publicou várias outras, sem assinatura e que somente traziam ao final os dizeres “Collaboração do Gabinete”.

Uma das dificuldades de se trabalhar com material tão antigo é a exigüidade de informações precisas. Esse é o caso, por exemplo, sobre quem eram os redatores do

*Gabinete de Leitura*, uma vez que não há nenhuma nota publicada nele ou em qualquer outro periódico da época — ao menos naqueles a que pude ter acesso — nem fonte bibliográfica que contenha tal informação. Contudo, o fato de o *Gabinete de Leitura* ser publicado na Tipografia Commercial que, como já mencionado, pertencia a Josino do Nascimento Silva, me levou a pesquisar outro periódico, *O Chronista* (1836-1839), publicado na mesma tipografia, cujos redatores, como mencionado, eram o próprio Josino, Justiniano José da Rocha e Firmino Rodrigues da Silva. Outro fator em comum é o de que ambos periódicos eram vendidos na tipografia e na livraria H. & E. Laemmert, de propriedade dos irmãos Heinrich e Eduard Laemmert. Ao longo dos nove meses nos quais o *Gabinete de Leitura* foi publicado, *O Chronista* imprimiu em suas páginas vários anúncios dando publicidade ao periódico<sup>2</sup>. Uma outra evidência da possibilidade de os redatores dos dois periódicos serem os mesmos é o fato de que n’*O Chronista* de 12 de abril de 1838, quatro dias após a data do último número do *Gabinete de Leitura*, há uma nota dirigida aos assinantes do *Gabinete* explicando que o periódico “não foi publicado no dia conveniente por inconvenientes ocorridos na tipografia” e que os redatores pedem desculpa por esta “falta involuntária”.

Acresce que duas histórias que saíram no *Gabinete de Leitura* já tinham sido publicadas n’*O Chronista*. O contrário também ocorre, sendo que vários textos que apareceram no *Gabinete de Leitura*, especialmente depois de seu término, foram republicados n’*O Chronista*. Como por exemplo, na primeira página do segundo número do *Gabinete de Leitura*, de 20 de agosto de 1837, sai publicada a história “O Amor Materno”. Essa mesma história acabara de aparecer na seção “Apêndice” (a que ocupava o rodapé da página) d’*O Chronista* de 2, 5 e 9 de agosto de 1837, respectivamente. Outra história do *Gabinete de Leitura*, “O Livro da Vida” (n.16, 17/09/1837), já havia sido publicada na seção **Variedades** d’*O Chronista* de 5, 15 e 19 de outubro de 1836, respectivamente.

Apesar de a **rapinagem** de textos de outros periódicos ser uma prática comum nessa época, uma vez que não havia leis específicas regulamentando os direitos autorais ou de publicação, há indícios de que esse não foi o caso do *Gabinete de Leitura* com relação a *O Chronista* e vice-versa. Não é difícil imaginar que a decisão pela reedição de “O Livro da Vida” nas páginas do *Gabinete de Leitura* tenha sido causada pela confusão havida na sua primeira publicação n’ *O Chronista* no ano anterior, em que a terceira parte foi publicada como segunda. No caso de “O Amor Materno”, a sua republicação no *Gabinete de Leitura* veio acompanhada de uma nota da redação com o seguinte esclarecimento:

(Obtivemos da pessoa que escreveu em português a bela novela — *O Amor Materno*, — publicada no *Chronista*, a correção e supressão de diversos lugares que tornavam a narração fria, e o diálogo pouco animado.) (N.2, 20/08/1837)

Não se pode negar que, com essa nota, a possibilidade de os redatores dos dois periódicos serem os mesmos ou, pelo menos, de manterem uma estreita relação parece ficar mais plausível. Como os redatores do *Gabinete de Leitura* teriam tido acesso ao tradutor ou tradutora de “O Amor Materno”, se na sua versão n’*O Chronista* não havia nenhuma

---

<sup>2</sup> N’*O Chronista* número 90, de 23 de agosto de 1837, sai uma nota anunciando o segundo número do *Gabinete de Leitura*. Infelizmente, no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro não consta o número 89, que poderia conter o anúncio do primeiro número do *Gabinete de Leitura*.

informação a esse respeito e nenhuma assinatura? Se a história tivesse sido simplesmente “pilhada”, por que os redatores do *Gabinete de Leitura* escolheriam uma história que acabara de ser publicada num periódico da corte?

Da mesma forma, vários textos que apareceram no *Gabinete de Leitura*, especialmente depois de seu término, foram republicados n’*O Chronista*. Um exemplo significativo é a história “O Noivo d’Além Túmulo”, que iniciou sua publicação no segundo número do *Gabinete de Leitura* (20/08/1837) e teve continuação nos dois números subseqüentes. Apenas seis dias depois, sai publicada n’*O Chronista* a primeira parte dessa mesma história, parando exatamente no mesmo ponto que a do *Gabinete de Leitura*. Além do famoso “Continuar-se-á”, nas três partes que a compõem, os redatores deixam bem claro de onde a história foi retirada, pois dão como fonte: “GABINETE DE LEITURA”.<sup>3</sup>

Importante ressaltar que *O Chronista* não era um jornal que costumava publicar anúncios pagos em suas páginas, como era o caso, por exemplo, do *Jornal do Commercio*. Os poucos anúncios que ali aparecem são das então recentes aquisições e/ou publicações de livros da livraria e tipografia dos irmãos Laemmert e da própria Typographia Commercial. Foi por essa época, porém, que *O Chronista* passou a publicar os anúncios do *Gabinete de Leitura*, nos quais estavam listados alguns dos títulos já publicados, dentre eles “O Noivo d’Além Túmulo”. Cabe aqui perguntar se a publicação dessa história n’*O Chronista*, numa data tão próxima ao lançamento do *Gabinete de Leitura*, não seria uma forma de propaganda, dando aos leitores (e às suas famílias) uma pequena amostra do tipo de história que encontrariam nas páginas do novo periódico.

O estudo das condições da imprensa da época nos mostra que, apesar da sua sistemática expansão no período pós-Independência, com o lançamento e publicação de um número cada vez maior de periódicos, especialmente nos principais centros urbanos, não significou, contudo, que sua produção fosse tarefa fácil.

Comparando as redações do jornal moderno às daquela época, Tarquínio de Sousa comenta:

O que agora é tarefa coletiva de um grande número, naquela época era o trabalho de um, dois ou três indivíduos. Os jornais não tinham sequer local destinado à redação. Em regra, o redator escrevia em sua própria casa o jornal, levava-o a uma tipografia, quando não possuía um prelo, e ele mesmo se incumbia da revisão, da distribuição, de tudo isso que agora constitui o trabalho de numerosas seções especializadas. (SOUSA, 1939, p.67)

No caso de nossos redatores, contudo, essa dificuldade era minimizada pelo fato de Josino do Nascimento Silva possuir sua própria tipografia. Tudo indica, porém, que na época da publicação d’*O Chronista* e do *Gabinete de Leitura* sua tipografia trabalhava com impressora manual. Isso porque é possível encontrar nas páginas d’*O Chronista* vários artigos nos quais os redatores, com certo tom de despeito, referem-se ao *Jornal do Commercio* como o “grande jornal (...) impresso no **prelo mecânico**”. (23/11/1836, meu grifo)

---

<sup>3</sup> “O Noivo d’Além Túmulo” inicia sua publicação n’*O Chronista*, em 26 de agosto de 1837. As duas partes subseqüentes saem em 30 de agosto e 6 de setembro do mesmo ano.

Cabe ressaltar que a superioridade do *Jornal do Commercio* em relação aos demais periódicos publicados na corte não era novidade. Fundado pelo ex-livreiro francês, Pierre Plancher, o jornal contou, desde o início de sua publicação, em outubro de 1827, com maquinário tipográfico e competentes profissionais das artes gráficas, trazidos da Europa. A primeira impressora mecânica do Brasil, contudo, foi adquirida por um outro francês, J. Villeneuve, que comprou o negócio de Plancher e assumiu o *Jornal do Commercio* em 1832 (HALLEWELL, 1985, pp.65-78).

O que se percebe, portanto, é que a referência ao **prelo mecânico** do *Jornal do Commercio* pode ser um indicativo das dificuldades que Justiniano, Josino e Firmino enfrentavam para colocar no mercado dois periódicos simultaneamente. Especialmente a partir de janeiro de 1838, quando *O Chronista*, de bi-semanal, passou a ser publicado três vezes por semana e o *Gabinete de Leitura*, como já referido, saía aos domingos.

Pouco se sabe sobre os custos de produção e o número de subscritores necessários para que um jornal ou revista se mantivesse no mercado à época. Contudo, em um relatório dirigido ao conselho da Sociedade de Instrução Elementar, Josino do Nascimento Silva analisa a viabilidade da criação de um periódico, que teria como meta a difusão de conhecimentos úteis. De acordo com sua estimativa, o custo para se publicar um periódico mensal, composto de 32 páginas no formato in-4<sup>o</sup>, seria da ordem de 610 mil réis anuais, dos quais cerca de 80% seriam gastos com a compra de papel e o restante com as despesas referentes à redação e distribuição.<sup>4</sup> (**O Chronista**, 17/03/1838)

Tendo em conta que tanto em relação ao formato quanto ao total do número de páginas mensais o *Gabinete de Leitura* assemelhava-se ao referido periódico, esta estimativa talvez estivesse bem próxima dos custos de sua produção, não sendo de todo impossível que ela se baseasse na própria experiência de Josino com sua publicação. Sendo assim, como o valor da subscrição anual do *Gabinete de Leitura* era de 6 mil réis, seriam necessários um mínimo de 100 assinantes para cobrir as despesas de impressão e distribuição. Se para o leitor moderno tal número parece ser pequeno, até mesmo irrisório, tudo indica que naquele tempo as coisas não eram tão simples. Um exemplo disso é um artigo d'*O Chronista* no qual é feito um balanço dos diferentes jornais então publicados no Rio de Janeiro. Nele o redator comenta o sucesso do então recém lançado *Semanario do Cincinnato*<sup>5</sup>, que teria conseguido angariar por volta de 200 assinaturas (**O Chronista**, 01/03/1837). Significativa também é a comparação feita pelos redatores d'*O Chronista* entre a imprensa e o número de leitores na França e no Brasil:

---

<sup>4</sup> Por essa época, quase todo o papel utilizado para impressão no Brasil era importado. Em *O Chronista* de 11 setembro de 1838, há pequeno artigo sobre André Gaillard, francês radicado no Brasil, que possuía uma pequena fábrica de papéis nos arredores do Rio de Janeiro. O artigo comenta sobre as dificuldades que esse empresário enfrentava para fabricar seu produto e que, apesar de o seu papel ser de qualidade inferior ao importado, alguns jornais já estavam utilizando-o regularmente. [Sobre as dificuldades que os impressores brasileiros do século XIX enfrentavam em relação à aquisição de papel ver HALLEWELL, 1985, pp.131-133.]

<sup>5</sup> O *Semanario do Cincinnato* saía aos sábados na corte do Rio de Janeiro e, como outros periódicos da época, não teve existência muito longa. Ao todo foram 36 números, de 18 de fevereiro a 4 de novembro de 1837. Era publicado na Tipografia do Diário de N. L. Vianna e, segundo Nelson Werneck Sodré, seu redator era José Cristino da Costa Cabral. Colaborador do *Diário do Rio de Janeiro*, Costa Cabral ficou conhecido devido à sua coluna, redigida sob o pseudônimo Cincinnato. Entusiasmado com seu sucesso junto ao público leitor da corte, Costa Cabral resolveu lançar seu próprio jornal semanal. Foi também redator do *Correio Oficial* e do *Jornal do Commercio*, entre 1838 e 1842; a partir de 1855, dirigiu o *Correio da Tarde*. [SODRÉ, 1966, p. 157].

Em França o jornalismo é uma potência, milhares de leitores ouvem seus oráculos e guiam seu pensar por suas leituras. Outro tanto não acontece no Brasil; poucos são os que lêem, pouca é a importância do jornalismo. O periódico político que conta com mais de 500 assinantes tem quase que tocado ao máximo de sua possível circulação, e esse número bem poucos são os que o atingem... (**O Chronista**, 22/04/1837)

Importante observar que essas cifras referem-se a periódicos que lidavam com matérias de cunho político e econômico, que, segundo os comentários dos próprios redatores da época, atraíam a maior parcela do público leitor, que era preponderantemente masculina. Apesar de não serem de fontes oficiais, esses dados nos permitem avaliar o empenho dos redatores para manter suas publicações no mercado, especialmente em se tratando de um periódico de cunho exclusivamente literário, como era o caso do *Gabinete de Leitura*.

Há indícios também de que as dificuldades de ordem financeira que esses jovens redatores enfrentavam não eram pequenas. Na seção **Variedades** d'*O Chronista* de 20 de agosto de 1836, Justiniano José da Rocha promete aos leitores que, sempre que possível, faria a crítica das produções teatrais encenadas na corte, atividade que, segundo ele, nenhum jornal até então se empenhara em fazer. Contudo, na época em que o *Gabinete de Leitura* estava sendo publicado, Justiniano explica aos seus leitores os motivos de sua ausência da seção “Apêndice”:

De há muito que desaprendemos o ofício de crítico dramático, porque nos não deixam nossas ocupações tempo bastante para que o vamos desperdiçar em nossos teatros, e quando mesmo nos elas (sic) deixassem, conselhos higiênicos nos fazem recolher ao toque de trindades, conselhos econômicos nos obrigam a não despendermos assim de chofre aquilo que tanto nos custa a ganhar: por isso depois de nossa última censura que, se bem nos lembra, foi a primeira representação de — *Uma paixão desenfreada* — nada temos escrito sobre dramas, comédias, atores &c. &c. porque não os temos ido visitar. (**O Chronista**, 06/12/1837)

Além da escassez de recursos financeiros, outra dificuldade era a falta de uma equipe preparada e especializada que dividisse as inúmeras tarefas. Com relação à redação do *Gabinete de Leitura*, contudo, o acúmulo de trabalho talvez tenha sido contornado pelas contribuições recebidas de seus colaboradores — tanto no que se refere à ficção (assinada e anônima) quanto às traduções. Uma ilustração dessa possível conjunção de esforços para contornar o problema é dada por Justiniano J. da Rocha, numa espécie de prólogo à história que irá contar em um dos apêndices d'*O Chronista*. Nele, Justiniano faz o narrador vivenciar uma cena que poderia ser sua própria vida de jornalista/escritor.

O narrador inicia afirmando que não mais escreveria apêndices porque além de ser tarefa “muito cansativa”, alguns deles lhe acarretaram problemas, uma vez que “certas pessoas” acreditaram que eles haviam sido escritos com o intuito de criticá-las (exemplifica referindo-se ao assunto de apêndices já publicados). São 9 horas da noite e, alegando ter o hábito de dormir cedo, se prepara para deitar. Já sonolento, ouve alguém bater à sua porta. Abre-a ao reconhecer a voz de um amigo, que, esbaforido, lhe pede que escreva um

apêndice para a manhã seguinte, de forma que possa sair publicado no próximo número d'*O Chronista*. O tal amigo justifica o pedido alegando que ele e seu colega da redação estavam sobrecarregados de trabalho. Acrescenta que, como já havia algum tempo que não conseguiam publicar um apêndice, alguns leitores já haviam reclamado. Pede-lhe que o escreva de forma que preencha “as fraldas de três boas laudas”. O narrador tenta esquivar-se da tarefa com a seguinte alegação: “...para fazer apêndices preciso é ter a cabeça descansada, a imaginação desenferrujada, e pelo menos uma anedota para diluir no competente caldo de palavras: tudo isso me falta.” (ROCHA, 1837). Todavia, acaba por ceder à insistência do amigo jornalista e apresenta ao leitor, num tom de quem conta um **causo**, uma história que se passa no Rio de Janeiro colonial, cujo tema central gira em torno da “traição feminina”.<sup>6</sup>

O que vemos nesse prólogo é uma forma dramatizada do que poderia ser uma situação corriqueira na vida desses jovens redatores. Por vezes, a cooperação mútua era a única forma de desempenhar a contento as múltiplas tarefas e profissões que exerciam. Isso porque, além de redatores, escritores, jornalistas e tradutores, Justiniano J. da Rocha, Josino do Nascimento Silva e Pereira da Silva também atuavam como advogados<sup>7</sup>. Mais tarde, Justiniano ocupará o cargo de professor de Geografia e História Antiga e Romana no Colégio D. Pedro II, enquanto Firmino Rodrigues da Silva será nomeado Juiz de Direito em Minas Gerais.

Vê-se, por conseguinte, que o acúmulo de trabalho e o baixo retorno financeiro das atividades no campo jornalístico são constantes na vida desses jovens homens de letras, pelo menos durante o período sob exame. Assim, uma das formas que parece ter sido adotada para driblar essas inevitáveis dificuldades foi a união de esforços. O fato de Justiniano mencionar que Pereira da Silva tinha o hábito de passar grande parte de suas manhãs no balcão da tipografia Commercial, em conversas entre amigos (*O Chronista*, 16/12/1837), pode ser um indício de que a idéia de se publicar um periódico que teria a ficção como carro-chefe foi tomada levando-se em conta a colaboração de todos.

Outra adversidade enfrentada pelos redatores da época foi a censura à imprensa. Com o decreto de março de 1837, Diogo Feijó declarou guerra ao jornalismo. Redatores e tipógrafos foram ameaçados de serem julgados e condenados à prisão por publicarem artigos que criticassem o governo ou a figura do regente. Ao fazer um balanço das dificuldades enfrentadas pelos jornalistas, o redator de *O Chronista* comenta que, se “a força das circunstâncias nos impedir que falemos dos negócios públicos do Brasil, *O Chronista* tornar-se-á literário e científico unicamente”. Em sua opinião, era “absolutamente necessário” que a prática jornalística não fosse abandonada e justifica: “façam-se esforços para que de todo se não perca o **amor à leitura**”. (*O Chronista*, 12/04/1837, meu grifo).

---

<sup>6</sup> Por essa data, Justiniano José da Rocha já havia se desligado d'*O Chronista* para assumir o cargo de redator do *Correio Oficial*, jornal oficial do governo. Na carta em que se despede dos leitores, publicada n'*O Chronista* de 11 de outubro de 1837, Justiniano afirma que, apesar de seu desligamento, eventualmente escreveria apêndices para o jornal. Daí que, para o leitor da época, a cena descrita poderia ter um cunho de veracidade.

<sup>7</sup> São vários os artigos publicados n'*O Chronista* e no *Jornal dos Debates* que comentam a atuação dos três jovens como advogados de defesa em diversos processos judiciais na corte do Rio de Janeiro durante os anos de 1836-1839. No *Jornal dos Debates* de 8 fevereiro de 1838, por exemplo, foi publicado um quadro com a lista dos julgamentos realizados no mês anterior, no qual os três estão presentes — Pereira da Silva advoga dois casos.

A ênfase na disseminação da leitura também se faz presente na nota introdutória do *Gabinete de Leitura*:

...aqui por módico estipêndio, haverá artigos talhados para todos os gostos, — não será foco de instrução, que tanta filáucia não temos nós que queiramos instruir, mas ao menos com artigos divertidos irá preparando o **gosto da leitura longa e refletida**. (N.1, 13/08/1837, meu grifo)

Constata-se aqui uma das razões pelas quais esses jovens resolveram publicar o periódico: levar ficção para dentro dos lares brasileiros por um preço acessível. Ansiavam, dessa forma, que a leitura se tornasse um hábito familiar e, como eles próprios indicam, que as histórias e artigos divertidos despertassem no então diminuto leitorado fluminense um futuro “gosto da leitura longa e refletida”. O que se percebe é que, ao facilitar o acesso a textos ficcionais, os redatores do *Gabinete de Leitura* não só tiveram em vista contribuir para a formação de um público leitor, como também preparar o terreno para o surgimento de uma literatura autenticamente nacional. Afinal, sem leitores não há literatura.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira**: momentos decisivos, 8<sup>a</sup> ed., Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Itatiaia, 2 vols., 1997.
- Gabinete de Leitura, serões das famílias brasileiras; jornal para todas as classes, sexos e idades*. Rio de Janeiro, Typ. Commercial de J. do N. Silva, 1837-1838.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo, Edusp, 1985.
- Jornal dos Debates Politicos e Litterarios*. Rio de Janeiro, Typ. de J. Villeneuve e Comp. (1837-1838)
- O Chronista*. Rio de Janeiro, Typ. Commercial de Silva & Irmão. (Typ. J. do N. Silva) (1836-1839) Fundado por Justiniano José da Rocha. Colaboradores: Josino do Nascimento Silva e Firmino Rodrigues da Silva
- ROCHA, Justiniano José da. O copo d'água. **O Chronista**, Rio de Janeiro, 25 nov. 1837.
- SODRÉ, Nelson W. **História da imprensa no Brasil**, 4<sup>a</sup> ed., Rio de Janeiro, Mauad, 1999.
- SOUSA, Otávio Tarquinio de. **Evaristo da Veiga**. São Paulo, Rio de Janeiro, Companhia Editora Nacional, 1939.

---

<sup>1</sup> Maria Angélica Lau P. SOARES, Mestre em Letras pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Letras Modernas. E-mail: angellau@ig.com.br